

Editorial

***Cadernos Nietzsche* trazem discussão sobre as tradições morais**

Esta é a segunda vez que os Cadernos Nietzsche estabelecem uma parceria com o Grupo Nietzsche da UFMG. A primeira parceria resultou no dossiê Nietzsche e o Naturalismo, publicado no N. 29, volume I e II (2011) e tiveram um impacto considerável na recepção do tema entre nós. Os textos publicados agora no “Dossiê Nietzsche a Tradições morais” são versões ligeiramente modificadas das conferências apresentadas por ocasião do II Congresso Internacional Nietzsche e a Tradição Filosófica, organizada pelo grupo mineiro. A segunda edição do evento, cuja temática foi Nietzsche e as Tradições Morais, teve lugar em Belo Horizonte e Ouro Preto no início de outubro de 2014; os textos que ora publicamos oferecem ao leitor uma discussão consagrada aos inúmeros aspectos envolvidos na nuançada relação de Nietzsche com o tema da moralidade. Na seção Varia, dois artigos procuram analisar a relação do pensamento de Nietzsche com a cultura alemã. Por fim, na seção “Resenha”, publicamos um texto de Gloria Luque Moya sobre o livro organizado por Scarlett Marton, Nietzsche em chave hispânica. Gostaríamos de expressar nossos agradecimentos ao professor Rogério Lopes, que nos propôs essa nova parceria. Sem ele e os membros do Grupo Nietzsche da UFMG, o Dossiê não seria possível. Expressamos também nossos agradecimentos a Saulo Krieger, por colaborar na preparação do presente volume.

Márcio José Silveira Lima
Editor-Responsável

*

O Dossiê Nietzsche e as Tradições morais reúne intérpretes de Nietzsche que partilham da convicção de que é preciso reduzir o insulamento da pesquisa e estabelecer pontes entre gerações, métodos e estilos de recepção do filósofo alemão. Trata-se de pesquisadores provenientes de tradições distintas, que se encontram em momentos distintos de seus percursos de pesquisa e que representam estilos de interpretação do filósofo alemão que, embora próprios, não se furtam à interlocução com seus pares. Nesse sentido, o dossiê propicia ao leitor brasileiro a oportunidade de tomar contato com uma amostragem bastante significativa dos debates atuais em torno do tema.

Os artigos que integram o dossiê registram a consolidação definitiva de uma tendência que se iniciou no final da década de 80 entre os intérpretes de Nietzsche. Durante boa parte do século XX, prevaleceu a tese de que sua contribuição no campo da filosofia moral seria eminentemente negativa. Essa percepção era confirmada pela reivindicação, por parte do próprio filósofo, do título de primeiro imoralista da Europa. Ainda no início da década de 1970, a filósofa moral Philippa Foot argumentava que o imoralismo de Nietzsche, caso fosse uma posição defensável, não deixaria espaço algum para uma concepção alternativa de normatividade prática, no interior da qual fosse reconhecível algo de nossas ordinárias preocupações com a fundamentação de regras para a interação entre pessoas. O engajamento normativo de Nietzsche o conduzia para uma espécie de esteticismo, esse era o veredicto da época. Esse cenário começou a sofrer alguma alteração no final da década de 80, a partir de alguns estudos pioneiros conduzidos de forma simultânea e independente por intérpretes de Nietzsche provenientes de tradições distintas de recepção do filósofo alemão. Merece menção os estudos de Alexander Nehamas (1986: *Nietzsche: Life as Literature*) e Paul van Tongeren (1989: *Die Moral von Nietzsches Moralkritik*), ambos autores que contribuem para o presente volume, assim como os estudos de Thomas Brobjer (1995: *Nietzsche's Ethics of Character*) e Brian Leiter

(2002: Nietzsche on Morality); no cenário brasileiro, os estudos de Scarlett Marton (1990: Nietzsche: das Forças cósmicas aos valores humanos) e Oswaldo Giacoia (1997: Labirintos da alma: Nietzsche e a autossupressão da Moral). É curioso destacar que todos esses trabalhos praticamente se ignoram. Embora participem de tradições e estilos diferentes de recepção do filósofo alemão, eles têm como marca comum o esforço de produzir uma mudança de orientação nos rumos da recepção de Nietzsche no terreno da filosofia moral. Todos eles, cada qual a seu modo e com estratégias argumentativas muito próprias, procuraram convencer seus leitores de que a filosofia de Nietzsche poderia fornecer contribuições positivas no campo da filosofia moral. Essa convicção surge no contexto de um alargamento de nossa compreensão da vida ética, que procura ultrapassar a interpretação limitada conferida a ela pela instituição da moralidade – para nos servirmos de uma bela expressão cunhada por Bernard Williams. As opções no campo da filosofia moral sofreram uma considerável expansão desde a década de 70 do século passado, e isso teve um efeito positivo também na exegese de Nietzsche. Suas críticas incisivas à moralidade ganham em inteligibilidade quando em diálogo com as tentativas contemporâneas de apresentar modelos alternativos de compreensão da vida ética que não se limitem às teorias morais hegemônicas na modernidade. A retomada da ética das virtudes, uma maior atenção ao caráter quase onipresente das preocupações perfeccionistas na filosofia moral do Ocidente, a convicção de que estudos de psicologia moral são fundamentais para o esclarecimento de compromissos descritivos e normativos de nossas teorias éticas, o fim do quase monopólio das discussões metaéticas na tradição analítica, são fatores que, aliados a uma maior sensibilidade dos intérpretes de Nietzsche para a importância de seu diálogo com a tradição filosófica, contribuíram de forma decisiva para a produção de dois resultados muito significativos: no interior da pesquisa Nietzsche, por um lado, houve uma complexificação dos debates, em função de

uma interlocução mais intensa com os debates travados no terreno mais amplo da filosofia moral contemporânea; nesse terreno, por outro lado, Nietzsche se torna um interlocutor cada vez mais presente. Muitos filósofos morais contemporâneos avaliam que tanto as críticas de Nietzsche às pretensões normativas da moralidade quanto seus insights em psicologia moral podem desempenhar um papel crucial nos debates contemporâneos nos quais eles mesmos se encontram engajados.

Os artigos reunidos neste dossiê testemunham essa vitalidade do debate contemporâneo em torno das questões relativas à filosofia moral. Alguns deles procuram aproximar Nietzsche de certas tradições e autores (é o caso dos artigos de Clademir Araldi e João Constâncio), outros procuram avaliar a contundência de sua crítica à moralidade (esse é em grande medida o tema dos artigos de Paul van Tongeren e Alexander Nehamas); alguns procuram fixar de forma mais clara os compromissos normativos de sua filosofia moral (é o caso dos artigos de Herman Siemens e Simon Robertson); finalmente, o modo como se dá a articulação entre aspectos descritivos e compromissos normativos no projeto genealógico de Nietzsche é algo que tem ocupado com frequência os intérpretes do filósofo (essa questão é examinada a partir de perspectivas distintas nos artigos de Marco Brusotti e Bernard Reginster).

Concluimos esta apresentação expressando nossos agradecimentos às inúmeras instituições e a todos aqueles que tornaram possível o evento científico que está na origem deste dossiê, assim como aqueles envolvidos nas diversas etapas de preparação deste número especial. O suporte financeiro para a realização do evento foi concedido pela CAPES, FAPEMIG, CNPq, PROEX-UFMG, FAFICH, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG, Programa de Mestrado em Estética e Filosofia da Arte da UFOP. Devemos um agradecimento especial aos colegas que participaram da comissão organizadora e aos membros do Grupo Nietzsche da

UFMG, que cuidaram com muita competência dos inúmeros aspectos logísticos. Para a edição deste volume, agradecemos a todos os autores, aos inúmeros tradutores, aos responsáveis pela revisão e diagramação da revista. Desejamos a todos uma leitura agradável e proveitosa.

Márcio José Silveira Lima
Editor-Responsável

Rogério Antônio Lopes
Colaborador dos *Cadernos Nietzsche* vol.37, n.1